

O Iluminismo em duas bibliotecas do Brasil Colônia

O Iluminismo chegou ao Brasil por caminhos bem variados. Intelectuais portugueses trouxeram consigo algumas idéias iluministas quando visitavam ou se estabeleciam no Brasil. O Marquês de Lavradio foi um exemplo. Outros europeus, mais freqüentemente do que se possa imaginar, estiveram em portos brasileiros, deixando, conscientemente ou não, pensamentos filosóficos concebidos no Velho Mundo. L. F. de Tollenare foi um exemplo típico. Membros das comunidades intelectuais e comerciais brasileiras iam à Europa a negócio, por diversão ou em estudos, e retornavam imbuídos da cultura de então no Velho Continente. Domingos Vidal Barbosa e José Álvares Maciel representaram semelhantes grupos. Tão importante quanto essas pontes humanas entre a Europa e o Brasil foi a palavra impressa, ou seja, o meio mais fácil pelo qual as concepções européias aqui se difundiram. Na segunda metade do Século XVIII

e em princípios do XIX, livros referentes ao Iluminismo começaram a aparecer na América Portuguesa e a circular na aristocracia literária brasileira. Conforme Francisco Muniz Tavares e Tollenare, os brasileiros, intelectualmente sedentos, logo se apropriavam desses livros e os devoravam com avidez (1).

O limitado número de estudos sobre bibliotecas particulares no Brasil Colônia confirmou, nelas, a existência de obras escritas por autores cujos nomes fizeram-se sinônimos do Iluminismo: Voltaire, Montesquieu, Rousseau, Verney, Smith e outros (2). Com o passar do tempo, outras bibliotecas da colônia também se tornaram conhecidas, e o inventário dos seus acervos deu ao historiador uma imagem mais nítida do Iluminismo no Brasil, além de explicar a migração de idéias do Velho para o Novo Mundo.

O propósito deste artigo é, pois, o de analisar o conteúdo de duas bibliotecas do Brasil Colônia, ainda não estudadas, existentes no Interior de Minas Gerais. Há, neste trabalho, um objetivo de contribuição para o pequeno mas crescente conhecimento das bibliotecas brasileiras durante o Iluminismo.

Salientar a presença de livros que refletiram o sentido do Iluminismo é uma coisa; outra, realmente, é afirmar que esses livros foram lidos, compreendidos e de grande influência. Serviram apenas para acumular poeira, esquecidos em estantes, ou como companheiros de sempre, lidos, relidos e discutidos? Pergunta, em geral difícil de responder, parece ter, nesse caso, uma solução singularmente fácil. As duas bibliotecas em estudo pertenceram à família de José Resende da Costa e à de Batista Caetano de Almeida, literatos de Minas Gerais e conhecidos advogados de idéias afrancesadas e avançadas. Entrosados com o pensamento europeu da época, esses bibliófilos da colônia demonstraram, em suas atitudes, boa parte do que leram em seus livros importados. Há uma relação imediata entre o conteúdo das obras conservadas e o procedimento cultural dos seus proprietários, o que evidencia a significação da leitura em seus conhecimentos.

Falarei, primeiro e brevemente, das idéias e atividades dos Resende da Costa, pai e filho, e de Caetano de Almeida, todos induzidos pela filosofia do Iluminismo. Em seguida, detalhadamente, examinarei as suas bibliotecas, sem dúvida as principais fontes de influência ou inspiração desses brasileiros.

Batista Caetano de Almeida nasceu de abastada família da província, em São João del-Rei, a 3 de maio de 1797. Muito cedo, dedicou-se aos estudos, à leitura e fêz-se advogado, tomando parte ativa na política tanto municipal quanto regional. Herdeiro de boa fortuna (que lhe veio, possivelmente, junto com a biblioteca da família), Caetano de Almeida foi um dos principais doadores para importantes e diversos fundos públicos (3). Liberal sincero e, além do mais, republicano que atacou abertamente o Imperador, esse jovem

advogado editou o primeiro jornal de São João del-Rei, *O Astrô de Minas* (4). Publicação de quatro páginas, impressa três vezes por semana de 1827 a 1834 (5), deu eloquente apoio ao liberalismo, ao sistema de governo republicano e a uma reforma no clero (6). Esse periódico tinha como lema o preceito da Constituição de 1824 que assegurava a liberdade de imprensa. Agradava, particularmente, ao seu editor fazer a crítica de livros franceses, costumando selecionar e traduzir para o português trechos que achava apropriados para as causas que defendeu. Um norte-americano que, na época, visitou o Brasil descreveu *O Astro* como um jornal de "muita coragem" (7). Como mais um sinal das suas preocupações cívicas, Caetano de Almeida doou a sua biblioteca de 800 volumes à cidade em 1824, biblioteca essa aberta ao público em 1827. Manteve, também, do seu próprio bôlso, um bibliotecário local até 1838, um ano antes da sua morte (8).

Os dois José Resende da Costa, pai e filho, viveram entre a segunda metade do Século XVIII e a primeira do XIX. Membros de uma família rica e donos de muitas terras em Minas Gerais, tiveram bastante tempo para a leitura e reflexões. As suas idéias liberais os levaram, em 1789, a participar da Inconfidência, conspiração impraticável e mal planejada para libertar o Brasil do domínio português e estabelecer uma república. Por suas idéias e ações, ambos foram condenados à morte, porém se comutou a pena em 1792. A coleção particular dos Resende da Costa tornou-se, mais tarde, parte da Biblioteca Municipal de São João del-Rei (9). Do pouco que se soube a respeito deles, tornou-se evidente que as suas opiniões e atitudes estiveram intimamente ligadas ao Iluminismo. Surge logo a questão de como, vivendo como viveram, isolados no Interior do Brasil, foram influenciados pelo pensamento europeu, tão distante. Possivelmente, entravam em entendimento com brasileiros e portugueses, ou mesmo com outros estrangeiros, que tinham contacto com as últimas idéias do Velho Continente. O fato de tais entendimentos, se realmente houve, os terem influenciado ou inspirado, permanece sem dúvida no domínio da especulação. Há, entretanto, uma fonte mais segura para as suas concepções: as suas bibliotecas.

Encontram-se ainda na cidade mineira de São João del-Rei as coleções desses pensadores liberais. Infelizmente, porém, elas foram anexadas à Biblioteca Municipal sem o registro dos livros que continham. Os 800 volumes doados por Caetano de Almeida, em 1824, representam a maior das duas coleções. Pontos ainda não esclarecidos são a data exata em que a dos Resende da Costa foi incorporada àquela Biblioteca, e quais as suas dimensões. A fusão dessas duas bibliotecas particulares em uma municipal e unificada impediu o estudo minucioso dos seus acervos. Parece correto, entretanto, admitir-se que todos aquêles livros, ou a sua maioria, com data de pu-

blicação anterior a 1816, foram adquiridos antes da Independência do Brasil (10). Baseou-se essa informação nos conhecidos princípios de funcionamento da Biblioteca Municipal de São João del-Rei, e na praxe brasileira da aquisição de livro durante o Século XIX. Walsh, viajante norte-americano que freqüentou essa biblioteca em 1828, muito se admirou com a boa escolha daqueles livros, entre os quais observou a *Encyclopédie*, as obras de Voltaire, Rousseau, Raynal, Adam Smith e de "muitos que surgiram com as primeiras manifestações da Revolução Francesa" (11). Após a morte de Caetano de Almeida, a biblioteca atravessou tempos árduos, e poucos livros foram adquiridos durante o restante do Século XIX. Como norma, apenas as publicações da época eram obtidas, não havendo o hábito da compra de obras antigas. A maioria do seu acervo compõe-se de doações, em geral publicações oficiais do governo local ou nacional. Em consequência disso, pode-se concluir que a maior parte dos livros, com edições datadas de antes de 1816, introduziram-se nas bibliotecas particulares de Minas Gerais poucos anos depois de publicados na Europa, ou seja, antes da declaração da Independência do Brasil, em 1822.

A primeira característica das coleções, o que muito impressiona ao pesquisador, é a variedade de idiomas nos quais os livros são escritos. As línguas portuguesa, francesa, inglesa, latina, espanhola e italiana estão tôdas bem representadas, com predominância da portuguesa e francesa. Walsh mostrou-se surpreso e satisfeito com o número de cidadãos que encontrou em São João del-Rei versados em francês e inglês (12). Para facilitar a leitura de suas coleções tão políglotas, as bibliotecas possuíam vários tipos de dicionários e gramáticas. Do francês, há o *Diccionario Portuguez-Francez e Latino* (1794) de Joaquim José da Costa e Sá (13), o *Dictionnaire François-Portugais* (1811) de Vincent Pierre Nolasco da Cunha, e o *Dictionnaire Universel François et Latin* (1760) de R. P. Le Brun. Certamente, por ser uma língua mais difícil que o francês para os luso-brasileiros, existe um maior número de dicionários e gramáticas referentes ao inglês: *A Dictionary of the Portuguese and English Languages* (1794) de Antonio Vieira, duas edições do *Dictionnaire Royal François-Anglois et Anglois-François* (1780 e 1783) de A. Boyer, em dois volumes, os dois volumes de *A Complete Dictionary of the English Language* (1797) de Thomas Sheridan, *A Short Introduction to English Grammar* (1764), *An Introduction to the Reading and Spelling of the English Tongue* (1801) de William Scot, *Eléments de la Langue Angloise* (1796) de Siret, e um conjunto de três volumes da *English Encyclopedia* (1796). A língua espanhola esteve representada pelo *Nuevo Diccionario de las Lengua Española, Francesa y Latina* (1776) de Francisco Cormón, em dois volumes.

Tão marcante quanto o número de idiomas em que os livros foram escritos é a grande variedade de locais onde publicados, sendo

a maioria proveniente de Paris, mais que de qualquer outro lugar. Em Londres, Lisboa e Amsterdam, conforme a ordem, foram impressas também inúmeras obras, cujo total corresponde à contribuição dada por Paris àquelas coleções. O restante dos livros é originário de várias outras cidades: Lion, Ruão, Avignon, Lausanne, Madri, Genebra, Dublin, Hamburgo, Valencia, Leiden, Berlim, Neufchatel, Rio de Janeiro, Haia e Perth. Há mesmo um exemplar escrito em francês e publicado em São Petersburgo, na Rússia. Essa diferença de cidades diz muito bem dos agentes de livros da época, da capacidade que tinham de reunir obras de todo o Continente europeu, e de as vir negociar no Interior do Brasil.

Os assuntos tratados são tão variados quanto as línguas e a procedência das obras. A maior parte delas demonstra uma fase ou outra do Iluminismo. Há trabalhos sobre agricultura, botânica, química, economia, educação, história, geografia, literatura, filosofia, física, política, religião, viagens e zoologia. Não foram escritos por escolásticos medievais ou pregadores de sutilezas metafísicas. Os livros componentes dessas coleções refletem um novo método de estudo: por observação, indagação e investigação. Tentam, por meio do pensamento racional e das leis naturais, explicar todas as facetas da vida. Em resumo, expressam as idéias que conduziram a Europa à Era Moderna.

Várias obras dizem respeito à teoria política e filosofia. As idéias de Montesquieu aparecem na edição em quatro volumes do seu *L'Esprit de Lois* (1796), na edição em dois volumes de *Lettres Persanes* (1803) e nas duas coleções dos sete volumes de *Oeuvres* (1805). A *Encyclopédie* de Diderot (iniciada em 1790) lá está. Muitas coleções de *Oeuvres* de Rousseau são encontradas, sendo a mais antiga datada de 1776, em 14 volumes. Os três volumes de *Memoires Historiques, Militaires et Politiques de l'Europe* (1754) e a *Histoire Philosophique et Politique* (1781) de Raynal também aparecem, juntamente com os quatro volumes de *Dei Delitti e delle Pene coi Commenti del Voltaire* (1797) de Beccaria, *Le Droit Public de l'Europe* (1776) e *De la Législation ou Principes des Loix* (1777) de Mably, *Esquisse d'un Tableau Historique des Progrès de l'Esprit Humain* (1797) de Condorcet. Entre as obras anônimas, estão: *Système Social ou Principes Naturels de la Morale et de la Politique avec un Examen de l'Influence du Gouvernement sur les Moeurs* (1773), contendo uma extensa discussão sobre o sistema de governo inglês, *Code de l'Humanité ou la Législation Universelle, Naturelle, Civile et Politique* (1778), *La Morale Universelle ou les Devoirs de l'Homme Fondés sur la Nature* (1796) e *Bibliothèque Philosophique du Législateur* (1782), em 10 volumes.

Há ainda um curioso conjunto de obras a respeito de uma ou outra fase da teoria política. Os três volumes de *Institutions Politiques*

(1772) do Barão de Bielfeld comentam o *status* e a política de todos os governos europeus. *Dissertation Historique et Politique* (1769) de Wallace e *Arithmétique Politique* de Young tratam, entre outros tópicos, da política e da liberdade. O estranho e pequeno livro de Aikin, *Lettres from a Father to His Son on Various Topics*, discute tais assuntos com o “propósito do bom govêrno combater a desigualdade natural”, “de se abolir a escravidão interna na Europa”, e “das classes mais baixas não serem tão miseráveis como parecem”.

Os bibliófilos não se descuidaram da história, e, embora os seus gostos fôsem universais, mostraram certa preferência pela história da França, particularmente durante a Revolução Francesa. Obras incluídas então: de Necker, *De l'Administration des Finances de la France* (1784) em seis volumes; *L'Espion de la Révolution Française* (1797), anônima, em dois volumes; de Pujoux, *Paris à la Fin du XVIIIe. Siècle* (1801); de Pradt, *De L'État de la Culture en France* (1802), em dois volumes; a anônima *The Revolutionary Plutarch Exhibiting the Most Distinguished Characters, Literary, Military, and Political, in the Recent Annals of the French Republic* (1806), em três volumes; *Memoirs*, de C. M. Talleyrand (1806), em dois volumes; de Fantin-Desodoards, *Histoire Philosophique de la Révolution de France* (1807), em nove volumes.

Entre os trabalhos sôbre a história inglêsa, estão: de Leti, *La Vie d'Olivier Cromwell* (1780) em três volumes e *Les Anglais au XIX Siècle* (1804). A história portugêsa está representada por: *L'Administration de Sebastien Joseph de Carvalho et Melo, Comte D'Oeyras, Marquis de Pombal* (1788); *Révolutions de Portugal* (1794) de Vertot; *L'Histoire de Regne de l'Empereur Charles-Quint* (1788) de Robertson.

Um número surpreendente de livros sôbre os Estados Unidos foi encontrado nas coleções. A obra de Robertson, *The History of America*, existe em duas edições, uma em inglêsa (1777) e outra em francês (1778), como também a edição em dois volumes de *Lettres d'un Cultivateur Américain* (1785). Nesse gênero, há estudos curiosos e informativos da visão portugêsa sôbre a América do Norte: *Cultura Americana que Contem Huma Relação do Terreno, Clima, Produção e Agricultura das Colônias Britânicas na América do Norte e nas Índias Occidentais* (1794) de José Feliciano Fernandes Pinheiro, em dois volumes; *Dictionnaire Universel, Historique, Critique et Bibliographique* (1810-12) em vinte volumes, que, entre inúmeros tópicos, dá muita importância à história americana. George Washington aparece em três colunas do dicionário, enquanto Benjamin Franklin, representante do Iluminismo, goza de seis. Como obras de referência histórica ainda há: *Universal History* (1804) em 25 volumes e o estudo dos sistemas coloniais de Charpentier, *Moyens d'Amélioration et de Restauration Proposés au Gouvernement et aux Habitans des Colonies* (1803) em três volumes.

Completando a área de História, existem vários periódicos cujo propósito era manter os seus leitores informados sobre os eventos europeus da época. A *Gazette Nationale ou le Moniteur Universel*, diária, com notícias francesas, internacionais, científicas e literárias, acha-se completa desde 24 de novembro de 1789 a 31 de agosto de 1806. Há cinco volumes do *Procès Verbaux du Conseil d'État* (1803-08), e quatro periódicos em língua portuguesa altamente respeitados: *Jornal de Coimbra* (1812-16), em nove volumes, *O Investigador Português em Inglaterra* (1811-19), *Correio Brasiliense* (1808-1821), em 28 volumes, e as *Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*, de valor inestimável com início em 1797. Essa última publicação representa um verdadeiro índice do Iluminismo em Portugal, como também um meio direto para a transferência das idéias científicas, econômicas e agrícolas da classe educada da mãe-pátria para a classe similar da colônia.

A ciência, precursora do Iluminismo, recebeu atenção especial nas bibliotecas dos Resende da Costa e de Caetano de Almeida. O mais antigo de todos esses livros é o *Species Plantarum* (1764) de Lineu, em dois volumes. Estão presentes os 25 volumes da obra de Buffon, *Histoire Naturelle* (1785-87) no original em francês e na edição inglesa de dois volumes, bem como *Cours Élémentaire d'Histoire Naturelle* (1800) de Morelot, em dois volumes. Sobre química, há o *Tratado Elementar de Química* de Lavoisier, na edição desse clássico em língua espanhola, publicada em 1789, em dois volumes. Sobre física, o *Traité Élémentaire ou Principes de Physique* (1803) de Marthurin, em quatro volumes.

Numa colônia onde os habitantes dependiam muito da agricultura, e cujas exportações eram basicamente de matérias-primas, havia o interesse por inúmeros livros a respeito da revolução científica na lavoura, no comércio e na economia. *Reflexions sur l'Esclavage des Nègres* (1781), de Schwartz, devia ser de importância para os brasileiros, tanto quanto *Considerações Cándidas e Imparciais sobre a Natureza do Commercio do Assucar*, tradução portuguesa do original inglês (1800). Outra tradução do inglês foi o *Compêndio de Agricultura, Resumido de Várias Memórias e Cartas Offerecidas à Sociedade de Bath* (1801), em cinco volumes. Representando a contribuição italiana, há o *Lezioni di Commercio o Sia d'Economia Civile* (1788) de Genovesi, e a portuguesa, *Escola Mercantil sobre o Commercio assim Antigo como Moderno* (1803) de Veiga.

De muito significado são as duas edições da obra de Adam Smith, *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*, a inglesa de 1799 e a francesa de 1802. O nome de Smith aparece com frequência tanto maior quanto mais se pesquisa sobre o Iluminismo no Brasil, onde foi então o escritor inglês mais co-

nhecido, até mesmo no Interior, como indicam as duas edições de seu livro ali existente. A sua influência foi sentida nas cidades litorâneas do País aproximadamente ao mesmo tempo. O Bispo de Pernambuco, D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, tinha o hábito de citar Smith (14). Ao compilar os motivos de queixa da Bahia em 1807, Manuel Ferreira da Câmara referiu-se a Smith (15) como argumento para os seus protestos (*). José da Silva Lisboa, economista brasileiro, inspirou-se também em *The Wealth of Nations* (16), e foi bastante influenciado pelo autor escocês em dois estudos seus (**). Outros conhecidos discípulos de Adam Smith no Brasil, durante o início do Século XIX, foram João Rodrigues de Brito, Januário da Cunha Barbosa, Gonçalves Ledo, Hypólito José da Costa, Rodrigo de Souza Coutinho, José Bonifácio de Andrada e Silva e seu irmão, Martim Francisco (17).

A elite intelectual de São João del-Rei, em fins do período colonial, parece não haver ignorado o melhor da literatura estrangeira (18). Os bibliófilos ostentavam em suas bibliotecas: *Oeuvres de Jean Racine* (1799), em três volumes; *Théâtre de Voltaire* (1813); uma edição francesa das obras completas de Shakespeare (1776) em vinte volumes; *La Vie et les Aventures Surprenantes de Robinson Crusoe* (1776) de Defoe, em três volumes; *Oeuvres Divers* (1763), de Pope, em quatro volumes; *Ensaio sobre a Crítica de Alexandre Pope*, traduzido do inglês pelo Conde de Aguiar e editado no Rio de Janeiro em 1810; *Paradise Lost* (1802) de Milton; *Orlando Furioso* (1786) de Ariosto.

Os demais livros, publicados antes de 1816, referem-se a vários assuntos. A religião, por exemplo, não ficou esquecida, como atestam: *Histoire Ecclésiastique* (1758) de Fleury, em 36 volumes; *Os Séculos Christãos ou História do Christianismo* (1780) de Ducreux, em três volumes; *Origine de Tous les Cultes ou Religion Universelle* (1795) de Depuis, em onze volumes. Geografia e viagens parecem ter sido assuntos populares naquele tempo, e assim se compreende por que livros como os seguintes abriram horizontes tão largos para aqueles homens isolados em Minas Gerais, fazendo com que a sua imaginação se transferisse às regiões mais longínquas do mundo: *Dictionnaire Géographique Portatif* (1799); *Géographie de la France* (1791); *O Viajante Universal ou Notícia do Mundo* (1798-1903) de La Porte, em 21 volumes; *Picture of London* (1814); *A Collection of Modern and Contemporary Voyages and Travels* (1805) em cinco volumes; *Modern Geography* (1807) de Pinkerton, em dois volumes; *Voyage dans les Trois Royaumes d'Angleterre, d'Ecosse et d'Irlande* (1792) de Chantreau, em três volumes.

Ao estudar-se o Iluminismo no Brasil, e na investigação das obras aí existentes, há uma tendência para se omitir os autores portugueses e concentrar-se a pesquisa apenas nos franceses e ingleses. Essa é uma atitude lógica desde quando o Iluminismo iden-

tificou-se mais com os nomes de Smith, Rousseau e outros. Todavia, durante a época em que as duas bibliotecas mineiras se formavam, pensadores portugueses já se haviam iniciado no Iluminismo e davam a sua modesta contribuição à ideologia (19). A Academia Real de Ciências de Lisboa, criada em 1779, e a Universidade de Coimbra, depois da reforma de 1772, tornaram-se os dois centros propagadores do Iluminismo por todo o reino lusitano. As primeiras atenções desses centros voltaram-se para a revolução científica na agricultura e no comércio. Botânicos e naturalistas portugueses vieram ao Brasil na segunda metade do Século XVIII para estudar o potencial da colônia. Botânicos e naturalistas brasileiros correspondiam-se regularmente com a Academia Real de Ciências, enviando projetos, relatórios e descobertas para que essa augusta instituição os publicasse. Tal aspecto do Iluminismo, tipicamente português, acha-se documentado nas duas bibliotecas em estudo. Mencionei, anteriormente, as importantes publicações da Academia Real de Ciências nelas encontradas, bem como os vários estudos sobre agricultura traduzidos do inglês para o português. Referência especial deve ser feita, aqui, a um clássico do Iluminismo lusitano, muito negligenciado, mas que existe em São João del-Rei: o *Compêndio de Observações que Formão o Plano da Viagem Política e Filosófica que se Deve Fazer dentro da Pátria* (1783) de José Antônio de Sá, professor de Direito da Universidade de Coimbra e membro da Academia Real de Ciências. O Professor José Antônio de Sá demonstrou plena informação sobre o estado em que se achavam as ciências e a filosofia na Europa do Século XVIII. Citou, amplamente, textos franceses. Lamentando as condições inadequadas da agricultura em Portugal, clamou pelas reformas necessárias. Além disso, considerou, segundo a tradição clássico-fisiocrática, que era importante conhecer-se o Reino:

“O país inteiro deve ser visitado quando nêle se precisa instituir reformas. A melhor razão assim determina e a prática de outras nações o demonstra. A agricultura encontra-se em estado de decadência, sendo a causa moral ou física. A fim de se acharem medidas apropriadas para sanar os obstáculos e realizar reformas, é necessário descobrir-se o máximo sobre a capacidade, os hábitos e as qualidades dos agricultores, sobre as suas terras e os costumes das áreas arrendadas, sobre os seus métodos de lavar, a natureza do solo, etc. Há pouca indústria nas províncias e se deve buscar o motivo disso. Será pela indiferença dos habitantes, da falta de material básico, ou da ausência de local adequado para as fábricas? O viajante deve observar tudo isso e outras coisas mais” (20).

Sá continuou o seu ensaio com instruções para os visitantes quanto a arte de examinar, tomar notas e fazer perguntas. As informações colhidas durante essas viagens por todo o Reino serviriam

como bases para reformas futuras. Solicitou-lhes ainda que enviassem espécimens, amostras, artefatos e produtos regionais encontrados para o Museu Nacional. Em suma, o *Compêndio de Observações* recomendou a adoção do pensamento iluminista da época: familiarizar-se com o seu país e, através desse conhecimento, apoiar as reformas a êle convenientes. Tal pensamento fêz de Sá um escritor típico do iluminismo em Portugal, cujas obras, juntamente com as de outros filósofos europeus, foram conhecidas em Minas Gerais colonial e ajudaram na propagação das mais novas idéias daquele tempo, da Europa para o Brasil.

Walsh não exagerou quando, no Século XIX, disse de São João del-Rei: "Depois de São Paulo, a cidade mais corajosa e liberal do Brasil" (21). Os atos de liberalismo que viu prevalecer na elite intelectual daquela cidade mineira foram influenciados, de certo modo, pelos livros que ali circularam. Esses, como demonstravam as bibliotecas dos Resende da Costa e de Caetano de Almeida, continham as idéias fundamentais do Iluminismo e testemunhavam a sua aceitação no Brasil Colônia.

E. BRADFORD BURNS

tradução de

THEREZA DE SÁ CARVALHO

N.R. — Este artigo foi traduzido do inglês, com licença de publicação exclusiva para esta revista, concedida pelo autor e por *Journal of the History of Ideas, Inc.*, City University, New York, U.S.A.

1 Tavares, Francisco Muniz. *História da Revolução de Pernambuco em 1817*. Recife, s. ed., 1917, p. 38, 44. — Tollenare, L. F. de. *Notas Dominicals Tomadas durante uma Viagem em Portugal e no Brasil em 1816, 1817 e 1818*. Tradução de Alfredo de Carvalho. *Revista do Instituto Archeológico e Geográfico Pernambucano*. Recife, 11: 436, mar. 1904.

2 Um dos melhores e mais completos desses estudos é o de Frieiro, Eduardo. *O Diabo na Livraria do Cônego*. Belo Horizonte, s. ed., 1957. Trata-se de uma análise da biblioteca do Cônego Luiz Vieira da Silva.

3 Mourão, Francisco. *Tradições de S. João del-Rei*. São João del-Rei, s. ed., 1924. p. 4, 18.

4 Santos, José Bellini dos. *São João del-Rei, a cidade que não olhou para trás*. São João del-Rei, s. ed., 1949, p. 63.

5 Não me foi possível encontrar outros números datados de depois de 1834.

6 Braga, Tancredo, ed. *Album da Cidade de S. João del-Rei*. Rio de Janeiro, s. ed., 1913, p. 33, sem numeração.

7 Walsh, R. *Notices of Brazil in 1828 and 1829*. Boston, s. ed., 1831, p. 64.

8 *Publicação Comemorativa da Visita do Exmo. Sr. Presidente Antonio Carlos Ribeiro de Andrada a São João del-Rei*. São João del-Rei, s. ed., 1928, p. 28-9, sem numeração.

9 *Ibid.*

10 As informações contidas nesse parágrafo baseiam-se em observações do autor feitas durante as suas duas visitas a Minas Gerais, em 1962 e 1963, como também em conversas tuas com a diretora da Biblioteca Municipal Cactano de Almeida, de São João del-Rei, Sra. Maria Aurea Silva, e com o diretor da Biblioteca Estadual de Minas Gerais, Dr. Eduardo Frieiro, conhecida autoridade em Iluminismo nesse Estado. Desejo, então, expressar os meus agradecimentos a ambos por sua gentileza e hospitalidade.

11 Walsh, op. cit., p. 84.

12 *Ibid.*

13 Com as respectivas datas de publicação, pode-se prever quando esses livros chegaram à colônia.

14 Amzalak, Moses. *Economistas Brasileiros: D. José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho*. Porto, s. ed., 1942, p. 33.

15 Brito, João Rodrigues de, e outros. *Cartas Econômico-Políticas sobre a Agricultura e Comércio da Bahia*. Salvador, s. ed., 1929, p. 103.

* Manoel Ferreira da Câmara Bettencourt e Sá (Minas Gerais, 1764 — Bahia, 1835), Intendente Geral das Minas e dos Diamantes, notável administrador, Senador do Império, um dos pioneiros da siderurgia nacional. Dentre os seus vários escritos, está a *Resposta Dada à Câmara da Cidade da Bahia*, depois de solicitação que lhe foi feita em 1807. É esse, provavelmente, o seu trabalho inspirado em Adam Smith, ao qual o autor se refere no texto. Cf. Blake, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1883-1902, v. 6, p. 75-6. — Mendonça, Marcos Carneiro de. *O Intendente Câmara*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1958 (Brasiliana, 301). (N.T.).

16 Normano, J. F. *Brazil, a study of economic types*. Chapel Hill, N. C., s. ed., 1935, p. 86-7.

** José da Silva Lisboa (Bahia, 1756 — Rio de Janeiro, 1835), Visconde de Cairu, grande político, economista e Senador do Império, inspirou o Príncipe Regente D. João VI na abertura dos portos brasileiros às nações amigas, em 1808. Dentre as inúmeras obras que escreveu, estão: *Princípios de Direito Mercantil*. Lisboa, 1789-1803, o primeiro trabalho sobre Economia Política em língua portuguesa, e *Princípios de Economia Política*. Lisboa, 1804, que complementa a obra anterior. Em ambas, defende o liberalismo econômico segundo autores ingleses, particularmente Adam Smith. Sem dúvida, são esses os seus dois estudos aos quais o autor faz referência no texto. Cf. Blake, op. cit., v. 5, p. 193-203. — *Enciclopédia Barsa*. Rio de Janeiro. Encyclopaedia Britannica Ed., 1966, v. 3, p. 448 (N. T.).

17 Normano, op. cit., p. 87-8.

18 Walsh, op. cit., p. 84, onde há referência a uma sociedade literária aí existente em 1828.

19 Excelente trabalho sobre o Iluminismo em Portugal é o de Cidade, Hernani. *Ensaio sobre a Crise Moral do Século XVIII*. Coimbra, s. ed., 1929, p. 53-182.

20 Sá, José Antonio de. *Compêndio de Observações que Formão o Plano da Viagem Política e Filosófica que se Deve Fazer dentro da Pátria*. Lisboa, s. ed., 1783, p. 4.

21 Walsh, op. cit., p. 86.